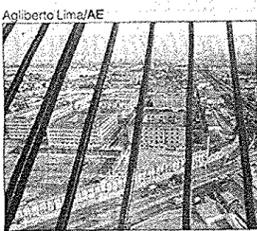


Cidades

SÁBADO, 5 DE OUTUBRO DE 2002

BAIRROS - COTA DE CUBATÃO

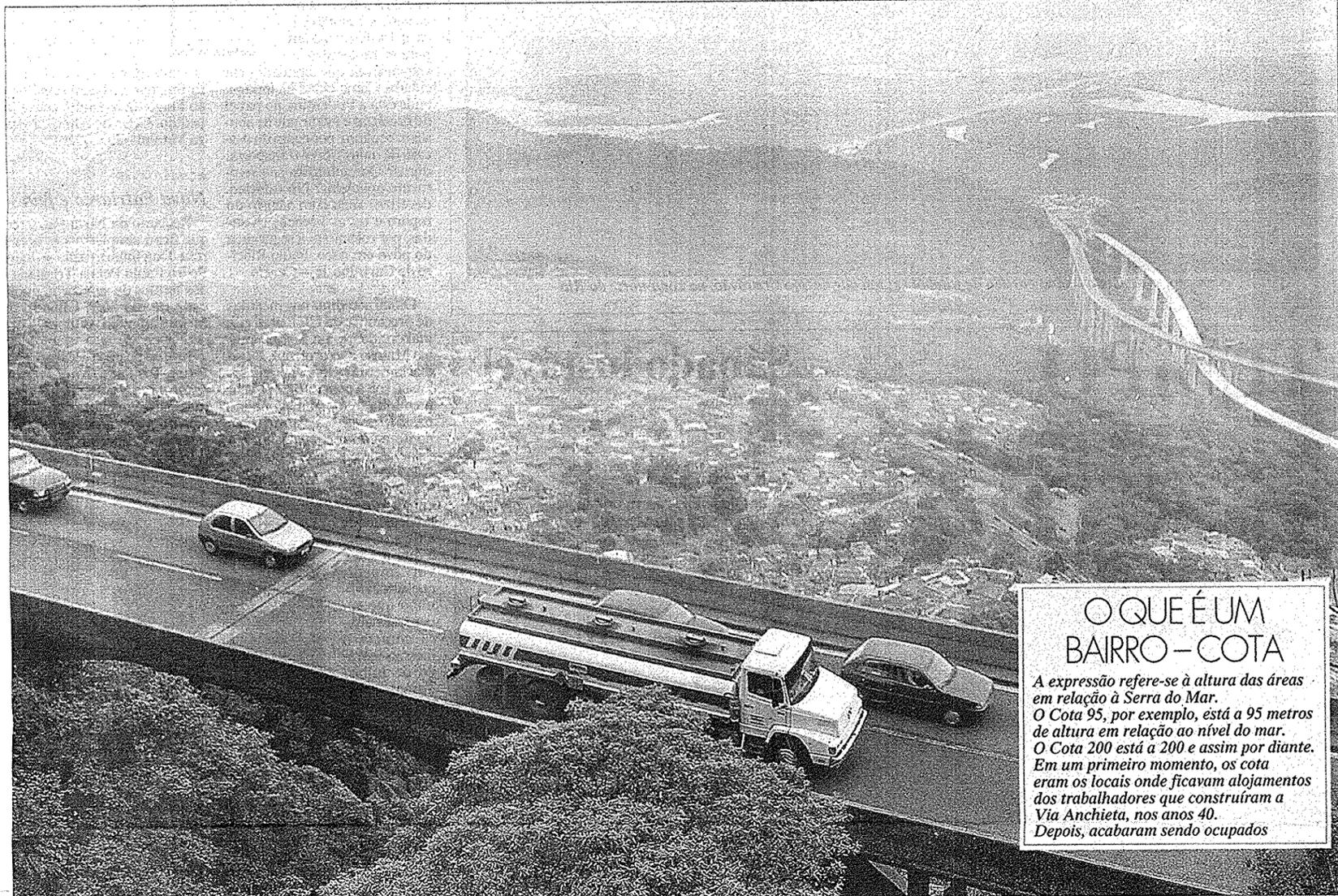


Efeito imediato
 Imóveis que ficam perto da Detenção já valem mais do que antes da desativação. Pág. 3

Ladrão preso
 Tiroteio na esquina da Pamplona e Estados Unidos assusta moradores. Pág. 7



A Serra do Mar que o crime vai ocupando



O QUE É UM BAIRRO - COTA
 A expressão refere-se à altura das áreas em relação à Serra do Mar. O Cota 95, por exemplo, está a 95 metros de altura em relação ao nível do mar. O Cota 200 está a 200 e assim por diante. Em um primeiro momento, as cota eram os locais onde ficavam alojamentos dos trabalhadores que construíram a Via Anchieta, nos anos 40. Depois, acabaram sendo ocupados

Aumento do número de habitantes nas encostas do parque estadual é tão grande que, em alguns pontos, a estrada divide os bairros e os motoristas parecem trafegar por área urbana: descaso

Parte dos bairros-cota vive com medo dos traficantes, como acontece nos morros do Rio; até comício de candidata teve de ser cancelado

MOACIR ASSUNÇÃO e JOSÉ LUIS DA CONCEIÇÃO

O aumento explosivo da população dos bairros-cota de Cubatão, no Parque Estadual da Serra do Mar, e a qualidade de vida precária dessas pessoas transformaram os locais em focos de criminalidade nos últimos anos. Tanto que agora o maior temor dos moradores é que áreas como o Cota 200 e o bairro Água Fria virem uma espécie de miniatura do Complexo do Alemão, no Rio, sob domínio do tráfico.

No Água Fria, por exemplo, morava José Edson da Silva, acusado pelos comparsas de ordenar ao menor L.S.N. que matasse o prefeito de Santo André Celso Daniel, em janeiro. Já no Cota 200, os moradores não se identificam, com medo de represálias dos criminosos. Mas não deixam de fazer advertências aos "forasteiros" que andam pelo local.

"Não é seguro subir até o Jardim Europa", dizem. Eles se referem à área mais alta do bairro, onde os traficantes dão as ordens. "É bom sempre ir acompanhado", afirmou um morador dias atrás.

Os avisos não são à toa. Há duas semanas, homens armados impuseram o cancelamento do comício que uma candidata a deputado estadual faria no bairro. Os organizadores do evento ficaram sob a mira de revólveres.

carem caminhões de entrega. Vários veículos com gás e móveis já foram roubados. E, como nas favelas cariocas, as ruas estreitas e irregulares dos bairros-cota dificultam o acesso de carros de polícia e de ambulâncias.

Segundo relatório recente da Ouvidoria da Polícia, a Baixada Santista é um dos locais mais violentos do Estado, principalmente em relação ao tráfico de drogas.

'Lampião' - É a violência não é o único problema que afeta os moradores. Depois de passar dez anos de sua vida combatendo os cangaceiros Lampião e Co-

risco na Bahia, o ex-policia militar Oresto Barbosa de Souza, o Marancó, de 84 anos, enfrenta agora as dificuldades de morar no Cota 400. No local, cerca de 2.500 pessoas sobrevivem sem esgoto e com poucas alternativas de transporte coletivo.

O abastecimento de água dos bairros Cota 200 e 400 é garantido por canos pretos, alguns furados, ligados diretamente a fontes e cachoeiras dentro da mata. Eles correm ao lado do esgoto e as águas se misturam em alguns pontos das vielas do bairro.

tempo, aos quais só é possível chegar por escadarias rústicas feitas na terra, em meio a sacos de lixo.

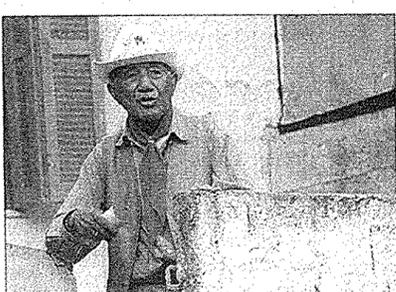
"Passo um frio danado nesta serra gelada, mas gosto do Cota 400, apesar da dificuldade de ir à cidade", afirma Marancó, que lutou em 1940, na batalha em que foi morto Cristiano Gomes da Silva Cleto, o Corisco. Três anos depois, estava em São Paulo, trabalhando como funcionário do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem (DER) na construção da Via Anchieta. Já ficou morando por lá.

Morador do 200, onde vivem perto de 6 mil pessoas, Bartolomeu de Jesus Costa aponta a falta de rede de esgotos e de posto de saúde, além da inexistência de quadra poliesportiva e laboratório na Escola Estadual Professora Maria Helena, como os principais problemas do bairro. "Na verdade, somos carentes de tudo."

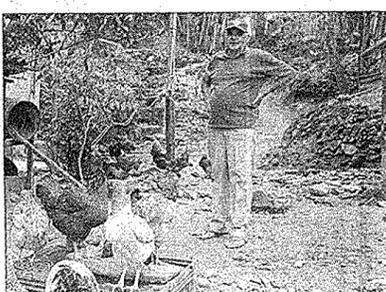
Superpopulação - Os bairros-cota 200, 400 e 500, chamados assim por causa de sua altura em relação ao nível do mar, e o bairro da Água Fria ficam dentro do Parque Estadual da Serra do Mar, reserva de mata atlântica no Estado. Atualmente, abrigam cerca de 25 mil pessoas, empurradas para os bairros-cota após a crise do pólo petroquímico e do Porto de Santos, dois dos maiores empregadores da região.

Só para se ter uma idéia do boom na área, o Cota 400, que em 1976 tinha 45 barracos, hoje possui 204 moradias. Nelas vivem muitos estivadores e petroleiros desempregados. A falmar em alguns pontos das vielas do bairro.

Casas de alvenaria, como a de Marancó, convivem com barracos levantados há pouco



O ex-PM 'Marancó', que combateu 'Lampião', mora no Cota 400 desde 1943



Waldemar Silveira, morador do Cota 400: 'Medo de levar um tiro'

Ação na Justiça acusa governos de omissão

Promotoria responsabiliza prefeitura e Estado por destruição ambiental

As invasões nos bairros-cota estão fora do controle efetivo da prefeitura e do Estado. A ocupação desordenada desses trechos do Parque Estadual da Serra do Mar preocupa ambientalistas e integrantes do Ministério Público Estadual (MPE), que temem que o excesso de moradias cause mais danos às reservas de mata atlântica.

Há três anos, a Promotoria de Meio Ambiente de Cubatão entrou com uma ação civil, acusando de omissão o Estado e a prefeitura de Cubatão. Segundo a promotora Liliâne Garcia Ferreira, formou-se no município uma "indústria das invasões", com participação de candidatos a vereador e prefeito.

De acordo com ela, em época de eleições, os políticos estimulam a ocupação irregular com a doação de material de construção em troca de votos. Os índices sociais de Cubatão só pioram esse quadro. Do total de 107 mil moradores da cidade, 61% vivem em favelas.

Além de ameaçar o equilíbrio ecológico, a ocupação irregular, iniciada na década de 40

com o fim da construção da Anchieta, representa sério risco de contaminação a mananciais como o Rio Píloes, que abastece 80% da Baixada Santista.

Os cerca de 1.200 moradores do bairro Água Fria estão ao lado do rio, que corre cheio de detritos, e a 8 quilômetros da estação de captação da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp).

A médio prazo, pelo menos, as perspectivas não são favoráveis. A responsável pelo núcleo Cubatão do Parque Estadual da Serra do Mar, Sueli Lorejan, admite a dificuldade de evitar invasões. "Temos apenas três guardas por dia para proteger a área de 139 mil hectares do parque. Os moradores erguem em 15 minutos um barraco e não temos condições de coibir isso."

O engenheiro Pedro de Sá Filho, da Secretaria de Obras e Meio Ambiente da prefeitura, também reconhece a ineficiência da fiscalização. "As invasões aumentaram e há casos de que um mesmo barraco passou a abrigar duas famílias."

Na ação, a promotoria ainda pede que a Justiça obrigue o po-

der público a levar os moradores para conjuntos habitacionais. Mas quem vive nos bairros-cota não acredita muito nessa hipótese.

Líder comunitário do Cota 400, Carlos de Souza Filho não acha que a ação ajude a resolver a situação. "Esse boato sempre surge na eleições, mas quem veio para cá foi gente que realmente precisava viver e não tinha alternativa."

Também morador antigo do bairro, Waldemar da Silveira disse que chegou a reclamar com os novos in-

vasores. "Eles dizem que, como estou morando, eles também podem e tenho muito medo de levar tiro."

Para o ambientalista Condesmar Fernandes de Oliveira, integrante do Movimento em Defesa da Vida, a situação dos bairros-cota reflete o descaso de autoridades e empresários. "Recrutados em Minas e no Paraná, os operários vêm para cá trabalhar nas rodovias. Quando acaba o trabalho, são abandonados à própria sorte. Sem saída, eles invadem." (M.A.)

SÃO 3 GUARDAS PARA 139 MIL HECTARES

A vida nos bairros que Cubatão esqueceu

Além de desemprego e do tráfico, moradores do Água Fria sofrem com enchentes

Tráfico, enchentes, falta de pavimentação, ligações de luz clandestinas: a situação do Água Fria é, de longe, a mais complicada de todas. "Somos, seguramente, o bairro mais abandonado de Cubatão, onde mora muita gente que perdeu emprego no pólo petroquímico", afirma o líder comunitário Mário Mattos. "Para dificultar ainda mais a nossa vida, as empresas daqui preferem empregar gente de fora."

Ao lado do Rio Pilões e da estação de captação da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), os 10 mil moradores do Água Fria sofrem com enchentes em época de chuva, além dos deslizamentos de terra. O rio, que divide o bairro do vizinho Pilões, tem verdadeiras "pontes" de lixo. É por elas que andam os moradores.

"Dá muito medo de cair aqui, mas se não fizesse isso ia ter de dar uma volta imensa", diz Dore Maria dos Santos, de 24 anos, que vive em Pilões. Todos os dias, ela tem de atravessar o rio, sobre pilhas de lixo, para ir ao posto de saúde do bairro Água Fria. Com ela, leva a filha Larissa, de 4 anos, e o colega da menina, Marcos, de 3.

Vizinho de Dore, Vando Alves Teixeira, de 40, também atravessa diariamente a "ponte" com a bicicleta. Ele afirma ter presenciado quedas. "Foi mais de uma vez, com crianças e adultos. É perigoso passar."

A água do bairro é obtida das fontes e a luz é clandestina. A apenas 8 quilômetros do Água Fria, cuja ocupação principal começou em 1993, sobrevivem cachoeiras, algumas já poluídas. Ao contrário dos bairro-cota, não há nenhuma rua pavimentada.

Regularização - Segundo o líder comunitário Mattos, o vereador Romeu Magalhães (PPS) foi um dos políticos que prometeram regularizar a área, apesar de isso ser impossível, porque se trata de área de proteção ambiental.

Magalhães nega que tenha feito a promessa. "Não sou maluco para dizer isso", garante o parlamentar. Ele admite, no entanto, que outros políticos já fizeram isso. "Candidatos em eleições municipais realmente prometem regularização." Três quilômetros do Água Fria estão em área de proteção, como parte da bacia dos Rios Pilões e Itutinga. É justamente essa área que os moradores querem ver regularizada.

Apesar da presença de uma guarita com vigilantes na entrada do bairro, para impedir a entrada de material de construção, um morador admitiu que, em mais de uma ocasião, subornou os guardas para passar com ripas, cimento e placas de metal. "Eram vigilantes de outra empresa que trabalhava aqui", apressa-se em explicar.

É por essas e outras que um dos morcos que foi parcialmente desocupado em 1985 está, novamente, cheio de barracos.

Vizinha a várias chácaras, a Cachoeira Veu de Noiva recebe todo o lixo que vem da Rodovia dos Imigrantes e dos bairros-cota, situados logo acima. Dono de um bar no local, o comerciante Osvaldo Bezerra da Silva, de 41 anos, encontrou até um pneu de caminhão entre os detritos. "Não dá para limpar tudo isso sozinho. Muita gente do governo já prometeu ajudar a tirar o lixo, mas ninguém apareceu." Sacos plásticos, garrafas e papel ficam boiando na água.

Drogas - Os traficantes, de acordo com moradores, se concentram nos morcos e em áreas mais distantes da guarita. À noite, segundo eles, carros de luxo são vistos no bairro. Seus ocupantes estariam em busca de entorpecentes. (Moacir Assunção)



Visto da Anchieta, o Cota 400 se assemelha a uma "cicatriz" na Serra do Mar. Uma observação atenta revela a existência de vários barracos construídos recentemente em áreas de mata atlântica do Parque Estadual

DEGRADAÇÃO E VIOLÊNCIA

Aumento da população dos bairros-cota ameaça Parque Estadual da Serra do Mar

Parque, que tem núcleo em Cubatão, foi criado em 1977 para preservar a fauna e a flora

Em 1994, o Estado passou à prefeitura de Cubatão os cotas 95 e 100, parte do 200 e o Pinhal do Miranda

A outra metade do Cota 200 e os cotas 400 e 500, além do Água Fria, permanecem na área do núcleo ambiental

A Justiça concedeu liminar, pedida pelo MPE, obrigando o Estado a cadastrar os moradores que vivem no parque

De acordo com moradores e autoridades, o tráfico se instalou em áreas como o Cota 200 e o Água Fria

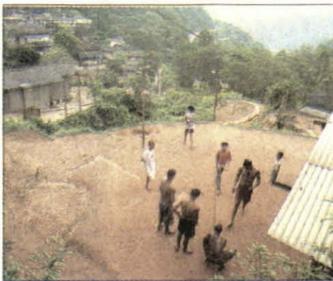
PROBLEMAS



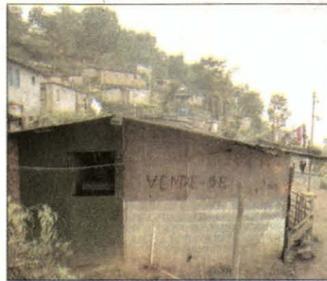
Crianças brincam nos contêineres de coleta seletiva de lixo no Cota 400



No Cota 400, pássaros são capturados em armadilhas conhecidas como arapucas



O campo de futebol do 400 é uma área de mata, retirada para a construção de barracos



No 200, é comum encontrar barracos à venda, apesar de a regularização ser impossível



Abastecimento é feito por canos ligados diretamente às fontes: água potável por vezes se mistura com esgoto

Desocupação de favela é modelo de recuperação

Pequenos grupos são retirados direto para apartamento; vigias protegem local

O exemplo bem-sucedido da desocupação da Favela Pica-Pau, perto do centro de Cubatão, pode servir de referência para resolver o drama ambiental dos bairros-cota e do Água Fria, segundo a promotora Liliane Garcia Ferreira. O trabalho em curso na favela, que fica no Morro do Marzagão, também área de proteção ambiental, é visto por ela como modelo de atuação para situações semelhantes.

A Pica-Pau, onde viviam 2.500 pessoas, já está sendo desocupada, após decisão judicial favorável à ação do Ministério Público Estadual (MPE). As famílias são retiradas diariamente, em grupos de 12, e saem direto para apartamentos da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) na Vila Natal.

Os barracos são demolidos e a área, imediatamente cercada para evitar novas invasões. Vigilantes ficam no local para impedir a ocupação do terreno. Logo depois da saída dos moradores, é iniciada a recuperação da vegetação do local, sob supervisão de técnicos ambientais do Estado e do município.

De acordo com o gerente regional da CDHU, João Plínio Paes de Barros Júnior, até dezembro todos os moradores devem ser retirados da Pica-Pau. "Essas pessoas não participam de sorteios, o que elimina a espera no atendimento", afirma a promotora. "Soluções desse tipo demonstram que o problema pode ser resolvido desde que haja vontade política e integração dos governos municipal e estadual."

Compensação - Um convênio celebrado entre o Estado e a concessionária Ecovias, que entregará em dezembro a segunda pista da Rodovia dos Imigrantes, prevê que 4% dos custos totais da obra - cerca de R\$ 10 milhões - serão destinados ao governo estadual como compensação ambiental dos danos causados pela duplicação.

Metade desses recursos, de acordo com a responsável pelo Núcleo Cubatão do Parque Estadual, Sueli Lorejan, deve ser usada para construção de um conjunto habitacional da CDHU. As moradias serão erguidas numa área de 40 hectares, conhecida como Bolsão 9, em Cubatão.

"Com isso, será possível resolver em pelo menos 50% os problemas de habitação da região, principalmente no caso do bairro Água Fria", explica Sueli. Do dinheiro destinado à habitação, 10% será usado na recuperação ambiental das áreas desocupadas. (M.A.)